

J. M. LEE

Jim Henson's

A CANÇÃO DO CRISTAL ENCANTADO



NETFLIX

No universo de
The Dark Crystal: Age of Resistance

 Planeta

minotauro

A CANÇÃO DO
CRISTAL ENCANTADO

J. M. LEE

A CANÇÃO DO
CRISTAL ENCANTADO

Tradução
Débora Isidoro

Ilustrações
Cory Godbey

 Planeta

minotauro

Copyright © J.M. Lee, 2017

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019

Este livro foi publicado em acordo com a Penguin Young Readers Licenses, um selo da Penguin Young Readers Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados.

Título original: *Song of the Dark Crystal*

Preparação: Fernanda Cosenza

Revisão: Barbara Prince e Fernanda Guerriero Antunes

Diagramação: Marcela Badolatto

Capa: Adaptado do projeto original Brian Froud

Ilustrações: Corey Godbey

Adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Lee, J. M. (Joseph M.)

A canção do cristal encantado / J. M. Lee ; tradução de Débora Isidoro. – São Paulo : Planeta, 2019.

272 p.

ISBN: 978-85-422-1710-0

1. Literatura infantojuvenil 2. Ficção fantástica I. Título II. Isidoro, Débora

19-1293

CDD 028.5

2019

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

*Produzir um som é perturbar as
raízes do silêncio.
O Cristal Encantado: o livro*

CAPÍTULO I

— Por aqui. Quase chegando.

Kylan apontou para onde o caminho se bifurcava. Um lado levava de volta para o povoado atrás dos dois, enquanto o outro descia e se afastava, passando por galhos inclinados e continuando além. Ele escolheu o segundo caminho, certo de que Naia o seguia. Em torno deles, o ar carregava a canção matinal.

A menina Stonewood os esperava na divisa do povoado, onde as pedras achatadas da trilha davam lugar a terra e musgo. Ela era jovem, ainda sem asas, e estava empoleirada sobre uma das muitas pedras cinzentas espalhadas pelo bosque. Quando eles chegaram, a menina pulou da pedra e agarrou a mão de Naia.

— Naia, você acordou! Meu nome é Mythra. Eu a conheci quando estava dormindo. Descansou bem? É verdade que enfrentou skekMal? Kylan me contou. E fugiu do Castelo do Cristal! Isso é impressionante e muito corajoso!

Naia esfregou o rosto. Não falou nada, mas Kylan sabia que eles pensavam a mesma coisa. Fugir dos Skeksis pela Floresta Sombria não teve nada de impressionante ou corajoso. Na verdade, estavam vivos por pura sorte, mas era inútil assustar a menina.

— Quase atropelamos Mythra com o Pernalta quando encontramos Pedra-na-Floresta ontem à noite — explicou Kylan. — Ela nos levou até a casa dela para você se recuperar.

— Então... você sabe sobre os Skeksis? — perguntou Naia. — E acredita nas histórias de Rian, apesar de os Skeksis terem falado para todo mundo que ele é um traidor mentiroso?

Mythra já se afastava pelo caminho e desaparecia entre as cortinas de folhagens. Os dois a seguiram e ouviram sua voz ecoando.

— É claro que acredito em Rian. Ele é meu irmão!

Kylan seguiu a menina pela Floresta Sombria e acabou perdendo o senso de direção depois de muitas curvas. Tinham passado por ali quando fugiram do castelo? Ele provavelmente nem reconheceria o lugar se o visse. Mythra parou quando eles chegaram a uma pequena clareira coberta de arbustos.

— Rian! — chamou ela. — Sou eu... trouxe os outros de quem falei. A irmã de Gurjin e o amigo dela!

Não havia ninguém ali, e Mythra chamou Rian de novo. Naia se adiantou quando ninguém respondeu, as orelhas girando e os olhos atentos. Quando Mythra ia chamar o irmão pela terceira vez, Naia cobriu sua boca com a mão.

— Shhh — sussurrou. — Escute.

Kylan levantou as orelhas. Naia tinha um instinto muito forte quando estava em espaço aberto, treinado e

desenvolvido pela vida no pântano de Sog, onde tudo, das árvores ao lodo, podia ser um perigo. E, de fato, quando ele prendeu a respiração e ficou atento, ouviu uns estalos distantes seguidos por palavrões em um idioma Gelfling.

— Rian — murmurou Mythra.

— Por aqui!

Kylan e Mythra seguiram Naia para o interior do bosque, e ela andava com a mão no cabo da faca presa à cintura. Kylan perdeu a noção de onde estavam a clareira e o povoado enquanto eles corriam entre as árvores, pulando por cima de pedras e arbustos espinhosos.

Outro estrondo espantou os pássaros quando eles se aproximaram de um aglomerado de pedras. Lá embaixo, uma criatura de pelos verdes, chifres retorcidos e uma cauda grossa e pesada lutava contra outra muito menor. Quando o animal de chifres recuou e rugiu aflito, Kylan viu os enormes dentes retos e, sob os cascos de suas patas dianteiras, um menino Gelfling armado com um bastão. Do outro lado da clareira havia uma lança caída no chão, provavelmente sua arma habitual.

— Rian! — gritou Mythra.

O menino rolou debaixo do animal e afastou-se dele, procurando quem o tinha chamado.

— Mythra! Fica longe! Esse chifrudo viu o Cristal!

— Uma criatura encantada? — perguntou Kylan, ainda com a cabeça latejando depois da fuga. — Como o ruffnaw?

— E o Nebrie — concordou Naia. — Mas...

Da última vez que encontraram criaturas encantadas, Naia fora capaz de curá-las, banindo a escuridão de seus corações com elo de sonhos, a troca de lembranças que dois Gelflings podiam experimentar mediante contato físico. Era algo que Kylan nunca tinha visto. Mas, apesar de sua habilidade singular, o elo de sonhos com animais também significava uma conexão com a mente e o coração. Depois de tudo que Naia havia enfrentado tão recentemente, Kylan estava preocupado. Podia ser perigoso para ela tentar curar uma criatura encantada se ela mesma ainda não estivesse curada.

O chifrudo empinou as patas dianteiras, desenterrando uma mudinha de planta como se desse um alerta. Não demoraria para tentar fazer o mesmo com Rian. Kylan segurou a manga da blusa de Naia quando ela se preparou para a luta.

— Não abuse — disse ele. — Por favor. Sei que pode resolver a situação, mas não se prejudique por isso.

Ela fez uma careta, pulou para cima da pedra atrás da qual estavam abaixados e pegou a adaga.

— Posso ajudar a tirá-lo de lá, pelo menos.

Antes que Kylan conseguisse impedir, ela pulou, abrindo as asas só o suficiente para amortecer a queda, e aterrissou entre Rian e o chifrudo verde. A criatura bateu com os cascos na terra de novo, balançando a cabeça e quase acertando os dois Gelflings que estavam diante dele.

— Não preciso de ajuda! — gritou Rian. Depois viu suas roupas, a pele verde e os cabelos escuros. — Espere, você é...

— Vamos deixar as apresentações para depois!

Naia e Rian saltaram um para cada lado do chifrudo, que já atacava. Diferentemente dos animais enlouquecidos e ferozes que Kylan vira antes, aquele não investia às cegas. Quando viu Naia, a criatura parou antes de abaixar os chifres, quase como se a reconhecesse, bufou e bateu com as patas no chão, deslocando pedras e raízes.

— Saia daqui — ordenou Naia. — Enquanto tenho a atenção dele!

— Já falei que não preciso de sua ajuda! — respondeu Rian, embora aproveitasse a oportunidade para chegar mais perto da lança. — Esse é diferente dos outros. Não sei como, mas é!

Kylan sentia dor na ponta dos dedos, tamanha força com que se agarrava à pedra diante de si. Naia se movia com firmeza, atraindo o olhar vermelho do chifrudo para longe de Rian. Se descesse para ajudá-la, ele só acabaria atrapalhando. Os dedos tocaram a corda de sua boleadeira e ele a puxou da cintura.

— Sei que agora está dominado pela escuridão — falou Naia para a besta, enquanto estendia a mão desarmada. — Mas, por favor, lembre-se! Lembre-se do que era antes!

Rian conseguiu recuperar a lança e, parando apenas para apontar, arremessou-a contra o animal. Ela penetrou no flanco exposto, mas a criatura mal reagiu. Estava focada em

Naia e, com um movimento estrondoso dos cascos, atacou. Os chifres eram tão largos, e estavam tão próximos, que Naia não poderia escapar a tempo. Rian deu um grito desesperado, e Kylan arremessou sua boleadeira. Acertou o alvo por pouco, mas a boleadeira quicou nas costas do chifrudo como uma pedrinha.

Naia não precisava de ninguém para salvá-la. Quando o animal se aproximou, ela saltou e agarrou um dos chifres que se aproximavam de seu corpo. Ficou agarrada a ele, os olhos teimosos brilhando com determinação enquanto o chifrudo uivava furioso. Kylan respirou aliviado, mas em seguida voltou a prender a respiração. O chifrudo era esperto, mesmo com raiva, e em vez de se perder na confusão, mudou sua tática de ataque. Viu uma árvore e correu para ela, mirando com a cabeça conforme se aproximava do tronco. Se Naia caísse no chão, seria pisoteada; se não saísse de onde estava, logo seria esmagada entre o chifre e o tronco da árvore.

— Naia! — gritou Kylan, porque era a única coisa que ainda podia fazer. — Naia, depressa!

Ela escalou o chifre da besta enquanto os outros assistiam a tudo. Tinha percorrido quase toda a extensão até a cabeça do animal, quando as sandálias escorregaram sobre o osso liso. Ela quase caiu, pendurada no chifre espiralado que se sacudia no ar a caminho da árvore, e do choque, que seria seu fim.

Algo escuro e serpenteante saiu do meio dos cabelos de Naia e mergulhou na crina grossa e verde na nuca do chifrudo. Assustado, o animal parou. Em vez de se chocar contra a árvore com toda a força, só a ponta do chifre raspou na casca de leve, desequilibrando o animal. Naya gritou e se soltou, sendo arremessada com força para o mato. Kylan acompanhou junto com ela a criatura cambalear, quase cair, depois urrar e empinar as patas da frente.

— Um muski? — perguntou Mythra, com os olhos arregalados.

A enguia negra que tinha socorrido Naia aparecia e sumia no meio do pelo do chifrudo, como uma cobra-d'água pulando as ondas do mar. O chifrudo se jogou contra a árvore, tentando esmagar a pequena enguia voadora, mas Neech era muito ágil. Naia e Rian se reagruparam e prepararam as armas, pois sabiam que era só uma questão de tempo até a distração causada por Neech se esgotar. Os dentinhos da enguia, por mais afiados que fossem, nunca penetrariam a couraça grossa do chifrudo.

Quando Naia e Rian estavam prontos para atacar novamente, o chifrudo parou de se debater. Os gritos e uivos cessaram, e o silêncio caiu sobre a clareira quando os joelhos da grande criatura tremeram e se dobraram. Então, ela caiu e fechou os olhos vermelhos. No começo, Kylan pensou que estivesse morta, mas, quando Neech apareceu em meio a sua crina, ele viu um lado do corpo do animal subindo e

descendo. Estava inconsciente. Ele e Mythra desceram pelas pedras para encontrar os outros dois.

— O que aconteceu? — perguntou Kylan.

Naia limpou a testa e jogou o cabelo para trás dos ombros.

— Não sei. Talvez ele tenha ouvido minha súplica, mesmo sem o elo de sonhos, e saído da escuridão... Só posso esperar que tenha sido isso. Ah, Neech. Outra vez me salvou. Achou um lanchinho aí?

A enguia voadora flutuou no ar e pousou no ombro de Naia. Uma perna negra de artrópode se projetava da boca de fuinha da enguia, ainda se contorcendo. Kylan não queria saber quantos outros insetos moravam no pelo grosso do chifrudo. Com um último ruído alto, Neech terminou de engolir seu prêmio pela vitória.

— Você é Naia. Irmã gêmea de Gurjin.

A voz dura era de Rian, que contornava o corpo adormecido do chifrudo. Ele era alto para um Gelfling, tinha pele morena e olhos escuros. Os cabelos castanho-escuros e abundantes estavam despenteados e embaraçados, com uma única mecha azul acima do olho direito. Seu rosto era jovem e bondoso, embora os olhos estivessem cansados e os lábios se comprimissem em uma linha de exaustão.

— E você é Rian — respondeu Naia.

Tinham ouvido o nome dele com muita frequência, desde que começaram a jornada. Na verdade, muitas vezes o nome era praticamente tudo que tinham como orientação.

Encontrá-lo em pessoa parecera impossível, mas estava acontecendo.

— Outro chifrudo encantado! Eles cavam onde os veios de Cristal estão enterrados, e são estúpidos demais para desviar o olhar quando os veem.

— Ele com certeza estava encantado, mas senti alguma coisa diferente — disse Kylan.

Naia concordou.

— Estava determinado. Como se reconhecesse Rian e eu...

Rian observou o chifrudo adormecido e franziu a testa.

— Se você viu as criaturas encantadas, então a escuridão está se espalhando. Talvez também esteja mudando. Na última estação, nós a vimos pela primeira vez na Floresta. Nesse ritmo, não vai demorar muito para toda Thra estar olhando para as sombras e se voltando contra si mesma.

Rian afastou esse pensamento e foi puxar a lança do corpo do pobre chifrudo. Mythra subiu no animal com um chumaço de musgo da floresta, que usou para fechar o ferimento sangrento, enquanto Rian saltava para o chão.

— Você é igual ao Gurjin... ele também veio?

— Não conseguiu fugir — falou Naia com tom neutro, como se quisesse dar a notícia triste o mais depressa possível e encerrar o assunto. Talvez fosse melhor assim. Kylan não sabia o que dizer sobre isso, e imaginava que Rian se sentiria ainda mais perdido se prolongassem essa conversa. — Esse é Kylan, um contador de canções do clã Spriton. Estamos aqui para...

Ninguém queria dizer o que precisava ser dito, embora fosse essa a razão para se encontrarem ali de maneira tão sigilosa. O motivo para Gurjin e a princesa Vapra, que também os havia ajudado, não estarem ali com eles. Kylan mordeu o lábio, engolindo os sentimentos de pesar pelos amigos que não haviam escapado.

— Estamos aqui para decidir o que fazer com os Skeksis!

A voz forte vinha de cima. Mythra terminou de fazer o curativo no ferimento do chifrudo e desceu. Ela empurrou Rian e Naia para perto um do outro, perto o bastante para que pudessem trocar um aperto de mãos.

— Vocês dois deveriam fazer um elo de sonhos. Assim poderíamos criar um plano.

As orelhas de Rian baixaram um pouco enquanto ele limpava a palma da mão na túnica, preparando-se para o cumprimento. Depois a estendeu, nem ansioso nem relutante.

— Ela tem razão. É o jeito mais rápido.

Kylan observava Naia e sentia um impulso de proteção. Se ela não se sentia bem o suficiente para fazer um elo de sonhos com o chifrudo, seria seguro abrir seu coração para outro Gelfling, compartilhar o que a tinha entristecido tanto? Eles ouviram o nome de Rian muitas vezes e o procuraram durante dias, mas ele ainda era um estranho. Um aliado, porém não um amigo.

Quando Naia olhou para Kylan com ar hesitante, ele não esperou mais nada. Deu um passo à frente e estendeu a

própria mão.

— Naia agora está sofrendo muito — disse. — Mas eu estava lá, e ela me contou o que viu. Não posso dar as lembranças dela, mas posso dar as minhas e o que lembro do que ela me contou.

— Muito bem — aceitou Rian.

Ele não parecia se importar muito, era todo ação e pouca emoção. Kylan lembrou que Rian havia enfrentado as próprias provações desde que escapara dos Skeksis, provações das quais, provavelmente, ele agora seria testemunha.

Kylan se preparou. Eles deram as mãos, e o elo de sonhos começou.

CAPÍTULO 2

Fazer um elo de sonhos era como mergulhar em uma piscina sem conhecer a profundidade da água ou o que poderia haver lá embaixo. A princípio Kylan permaneceu na superfície, observando as lembranças de Rian e ciente, ao mesmo tempo, de que Rian podia ver as dele. Era sempre desorientador no início, essa experiência de fazer um elo de sonhos com alguém pela primeira vez. Mesmo quando concordavam com o elo, ainda havia muitos pensamentos e visões, barreiras de proteção e ondas de desconfiança.

Depois de um momento, as ondas se acalmaram, e Rian começou a projetar. Sua voz interior soava distante e, ao mesmo tempo, parecia estar dentro da cabeça de Kylan.

Eu era um soldado, como meu pai...

A imagem nítida que surgiu primeiro foi a do Castelo do Cristal, imponente e magnífico, erguendo-se sobre a Floresta Sombria como uma garra e uma coroa. A lembrança que Rian tinha do castelo era forte e detalhada. Ele conhecia cada cômodo espaçoso e aposento majestoso, tinha percorrido e patrulhado cada passagem em espiral. O único espaço que não vira era o pavilhão central, proibido para os guardas e criados Gelflings. Só os Lordes Skeksis, os guardiães predatórios do castelo, sempre cobertos por seus

mantos de veludo, tinham permissão para entrar naquele lugar. Lá, eles e somente eles comungavam com o Coração de Thra – o coração do mundo. Depois de ouvir a canção de Thra, eles registraram sua letra em tomos e enviaram ordens para a maudra de cada clã Gelfling. Assim, a vontade de Thra foi transmitida.



Ou parecia ser. Kylan já conhecia o terrível segredo guardado pelos Skeksis. Tinha visto evidências dele, tanto pessoalmente como no elo de sonhos com Naia depois do pesadelo ao qual sobreviveram. Agora esperava vê-lo como Rian o tinha visto.

Nossos amigos desapareceram um a um. Quando perguntamos aos Skeksis, eles não prestaram atenção. Depois chamaram Mira...

Kylan viu o lampejo de uma menina Gelfling toda cheia de trejeitos e histórias exageradas. Rian andava ao lado dela, voltando ao castelo depois de uma noite patrulhando o bosque que fazia fronteira com a propriedade. Na mão de Rian, escondida no manto do uniforme, havia uma brilhante campânula. Ele daria a flor a Mira quando dessem boa-noite um ao outro. Diria a ela que, apesar de terem estado trabalhando, fora uma noite agradável, e talvez pudessem passar mais tempo juntos em alguma outra noite...

Dois Skeksis esperavam no castelo, o enfeitado Chamberlain e o Cientista, Lorde skekTek, uma criatura astuta e forte com um olho de metal e vidro. Eles cercaram Mira, e o Chamberlain requisitou a presença dela para assuntos oficiais.

— Vapra, é você? Ah, sim, adorável Prateada... venha receber ordens...

O Skeksis com o olho mecânico apontou um dedo de garra para Rian.

— Recolha-se, guarda.

Kylan sentia a lembrança de Rian mais do que a via: raiva, medo, aflição. Ele sabia que deveria confiar nos lordes, ou no mínimo obedecer a eles, mas sua intuição dizia que havia algo errado. Impulsivo, Rian os seguiu, sabendo que se fosse pego poderia ser dispensado, mas, se seu instinto estivesse certo, Mira poderia estar em perigo.

E estava. A lembrança era uma enxurrada de fragmentos desorganizados de sons e imagens: o avanço de Rian pelo castelo, os ecos das risadas dos Skeksis, insuportáveis de tão estridentes. As perguntas de Mira, que começaram calmas, mas foram ficando assustadas. Acima de tudo isso, Kylan ouvia a recordação de um ruído específico, como se uma enorme peça de arquitetura fosse transportada sobre centenas de engrenagens e rodas.

Nesse ponto a visão ficou clara e dolorosa. Rian conseguiu encontrar o aposento para onde os Skeksis tinham levado Mira. O laboratório do Cientista Skeksis, no fundo das entranhas do castelo. A porta estava encostada, dava para ver só uma fresta de vermelho-violeta intenso na sala escura. A voz de Mira agora era fraca, apenas gemidos e choro, e Rian espiou pela fresta da porta. Ele a viu amarrada a uma cadeira, de frente para um painel na parede de pedra. O Cientista, skekTek, estava em pé próximo ao painel, com as garras sobre uma alavanca. O barulho do maquinário ficou mais alto, e o painel se abriu para deixar passar uma luz vermelha e intensa que inundou a sala.

— *Olhe para a luz, sim, Gelfling* — disse skekTek.

Ele tocou outra alavanca e a moveu, revelando outra parte do equipamento: um refletor suspenso sobre a caverna de fogo além da parede. Mira começou a gritar por socorro, debatendo-se contra as amarras. Rian quase invadiu a sala, mas skekTek girou o refletor, dirigindo um raio de luz ofuscante para o rosto de Mira. No instante em que olhou para a luz, ela ficou imóvel.

Kylan sentiu a lembrança enfraquecer quando Rian perdeu o foco.

Está tudo bem, disse. Não precisa me mostrar mais nada. Eu entendo...

Não, Rian respondeu. É importante. Você precisa ver isso. Precisa ver como os Skeksis são realmente terríveis.

Kylan viu pelos olhos de Rian quando os membros de Mira ficaram imóveis. Sua pele empalideceu e secou, os cabelos ficaram ásperos e quebradiços, como se a força da vida fosse sugada de seu corpo. Enquanto ela morria lentamente e seus olhos perdiam o brilho e o foco, outra máquina entrou em ação. Uma fileira de tubos que vibravam, cada um deles se enchendo devagar de um líquido cintilante. A substância era translúcida, azul, quase como cristal líquido, e passava devagar pelos canos até encher, gota a gota, um frasco de vidro.

O pior aconteceu em seguida. O Cientista Skeksis pegou o frasco cheio. Cheirou o conteúdo e suspirou satisfeito; depois, para horror de Kylan, despejou o líquido na boca e engoliu o golinho repugnante. Quando as gotas tocaram sua

língua, uma luz brilhou em seus olhos e os limpou do véu do envelhecimento. As rugas e deformidades no rosto e no bico deteriorados desapareceram, os cabelos em sua cabeça ficaram mais grossos e ganharam um novo brilho. A força vital de Mira agora era dele, sua juventude fluía pelas veias velhas e decadentes do Skeksis.

Sua vliya, disse Rian. Como se fosse vinho.

Kylan se arrepiou. Naia contara isso a ele, mas ver tudo com clareza nas memórias de Rian era horrivelmente diferente. Ele foi invadido pelo alívio quando a visão se dissipou.

Sinto muito por Mira, disse.

Eu também, respondeu Rian. Mas o pesar dera lugar a coragem e propósito, aparentemente, e ele continuou: Agora, conte-me sua parte e a de Naia na história. Conte como vieram se juntar a mim na luta contra os Skeksis, que jogaram o restante de nosso povo contra mim, acusando-me de ser um traidor e mentiroso.

Kylan assumiu o controle do elo de sonhos, lembrando o que sabia sobre a jornada de Naia. Tinha que falar por ela também, não só por si mesmo. Embora tivessem feito o elo de sonhos juntos durante suas viagens, e ela houvesse compartilhado com ele a história sobre como saíra de casa e seguira para o norte, era impossível fazer um elo de sonhos com as lembranças de outra pessoa. Em vez disso, teria que contá-las, por isso foi breve e objetivo.

Tavra, uma das filhas da Maudra-Mor, chegou ao povoado de Naia procurando você e Gurjin. Quando Tavra não encontrou Gurjin nesse vilarejo, Naia partiu rumo a Ha'rar para defender a honra do irmão. Eu a conheci ao norte de Sog, quando ela passou pelas planícies de Spriton.

Kylan lembrou-se do dia em que Naia chegara a seu povoado, sabendo que, quando invocasse a lembrança, Rian também a veria. Ele se lembrou do encanto distante de Naia, e de como ela havia relutado em fazer amizades, mas Kylan gostara disso. Vira o próprio retraimento refletido nela. Podia não ter significado muito para ela, mas, para Kylan, esse fora o começo da jornada que o levara até ali, que o fazia compartilhar esse elo de sonhos com Rian e lutar contra os Skeksis

As terras estão se cobrindo de escuridão, disse ele para Rian. Vimos as criaturas encantadas, enlouquecidas com uma doença que vem de olhar dentro da terra. Até as árvores na Floresta Sombria estão doentes.

Ele mostrou a Rian a noite em que tinham se perdido na floresta. Kylan ficara de guarda enquanto Naia fazia o elo de sonhos com a Árvore-Berço, tentando acalmar sua loucura. Ela havia curado a árvore, mas não aplacara a escuridão. Aquelas sombras tinham nascido em outro lugar.

No fim, fomos ao castelo...

Fora lá que ele descobrira que os Lordes Skeksis os haviam traído. Que tinham capturado Tavra, a nobre filha da Maudra-Mor, e a haviam colocado diante do refletor no

laboratório do Cientista. Que o próprio Cristal era a fonte da escuridão, e que os Skeksis eram os responsáveis por tudo aquilo.

E Gurjin?, perguntou Rian.

A pergunta trouxe apenas uma recordação à mente: o aterrorizante Lorde skekMal caçando-os na floresta, perseguindo-os como uma tempestade de sombras com olhos brilhantes de fogo. Isso era tudo que Kylan tinha visto, e por isso foi aí que o elo de sonhos acabou.

Kylan cruzou os braços. Seus sentidos retornavam à realidade, mas não foi imediato, como não era possível ficar seco imediatamente depois de sair de uma piscina. Naia estava sentada sobre uma área de musgo, esperando atenta ao lado do chifrudo adormecido, enquanto Mythra comia um gordo pêssego-bolinha que havia tirado da bolsa de viagem.

— Ele se sacrificou, assim como Tavra, para que pudéssemos encontrar você e alertar o resto de nosso povo — falou Kylan.

Kylan observava o rosto de Rian, tentando deduzir o que acontecia na cabeça do soldado. Ver a lembrança tinha sido difícil, e ele não conseguia imaginar como fora revivê-la. Rian balançou a cabeça, as sobrancelhas grossas eternamente franzidas.

— Gurjin morreu orgulhoso como sempre. Não vamos desperdiçar seu esforço. Nem o de Tavra, nem o de Mira. Os Skeksis vão pagar pelo que fizeram. Nem que eu me encarregue disso sozinho, se for preciso.

— Não será. Gurjin é... era... *meu irmão* — disse Naia. — Se alguém vai ensinar aos Skeksis o que o sacrifício de Gurjin significou, esse alguém sou eu.

— Você? Que não viveu nem um dia no castelo?

— Vivi muitos dias em outros lugares.

— Os Skeksis esmagariam você em um segundo! Eu vou fazer isso sozinho.

— Pare com isso! — Mythra o censurou, deixando cair da boca um pedaço de fruta. — Rian sempre tenta fazer tudo sozinho. Veja no que isso deu até agora, meu irmão!

Rian bufou e soprou a franja desgrenhada para longe do rosto.

— Faço isso por você. E por Timtri, e por nossa mãe. Sempre fiz e vou continuar fazendo as coisas sozinho, se isso puder salvar o povo Gelfling. Não preciso da ajuda de mais ninguém.

Naia revirou os olhos com tanta intensidade, que sua cabeça inteira se moveu. Kylan não conseguia decidir o que pensava sobre o soldado Stonewood. Ele era corajoso, com certeza, e disposto a agir, mas tinha uma ousadia que quase acabara com ele. Seguir o Cientista Skeksis até as profundezas do castelo poderia ter sido seu último ato, mas ele conseguira escapar e viver para contar a história. Ou sua coragem estava sendo recompensada, ou ele tinha muita sorte.

Mythra terminou de comer o pêssego-bolinha e jogou o caroço no irmão, que se esquivou com habilidade.

— Falando em minha mãe, ela quer convidar todos vocês para jantar, como costumávamos fazer antes de Rian ir embora para trabalhar no castelo.

— Eu deveria ficar aqui na floresta — respondeu Rian. — Sou um traidor, lembra?

— A mãe disse que é importante você ir para casa. Ela saiu cedo hoje de manhã para colher seus merkeeps favoritos. Ela quer agradecer a Naia e Kylan por acreditarem em você. Ir jantar em casa é o mínimo que você pode fazer para demonstrar alguma gratidão, já que não parece muito interessado em agradecer diretamente a eles.

Rian sentiu o golpe.

— Não sou ingrato. Só não quero ver mais ninguém se machucar. Depois do que vocês fizeram e viram, talvez queiram pensar na possibilidade de se esconderem também.

O aviso era muito prático. Não fazia diferença se eram inocentes. As acusações dos Skeksis eram mais importantes que a verdade.

Mythra sufocou uma risada amarga. Ela pulou de onde estava sentada e seguiu pela trilha em direção a Pedra-na-Floresta.

— Só não se atrase para o jantar.

CAPÍTULO 3

Depois que Mythra deixou os três, o silêncio na clareira tornou-se quase completo, interrompido apenas pelo canto dos pássaros além da linha das árvores.

Kylan não sabia o que fazer ou dizer. O problema que tinham em mãos era imenso, quase grande demais para ser analisado. Como poderiam derrotar os Skeksis, que eram senhores entre os Gelflings e comandavam o Castelo do Cristal? Os Gelflings eram pacíficos e se dividiam em sete clãs espalhados por um grande território. Alguns clãs viviam tão isolados que Kylan só os conhecia por canções.

Por outro lado, os Skeksis eram poucos e concentrados. Controlavam o Coração de Thra, e por isso a palavra deles era a lei.

Kylan tinha esperança de que Naia ou Rian iniciassem a conversa que precisavam ter, mas ambos eram teimosos demais e estavam perdidos nos próprios pensamentos. Cabia a Kylan, portanto, abordar o assunto com a maior delicadeza possível.

— O que acham que devemos fazer?

— Temos que contar para a Maudra-Mor — respondeu Rian imediatamente, como se a resposta fosse tão óbvia que a pergunta nem fosse necessária. — Parto para Ha'rar em

breve. Tenho um frasco da essência pavorosa. Se eu conseguir chegar a Ha'rar e mostrar a substância para a Maudra-Mor e sua corte, eles saberão que digo a verdade.

— Já tentou falar com sua maudra primeiro? — perguntou Kylan. — A jornada para Ha'rar é longa, e você não sabe se a Maudra-Mor vai acreditar em seu relato. Mas é dever de sua maudra cuidar do clã. Talvez ela o surpreenda...

O soldado balançou a cabeça e baixou a voz, quase como se falasse sozinho.

— Antes eu pensava que contar para todo mundo, para o maior número possível de Gelflings, fosse a solução. Tentei fazer isso quando saí do castelo. Procurei as pessoas que eu conhecia antes... mas os Skeksis jogaram todos contra mim. Mandaram meu próprio pai atrás de mim. Se eu contar para a Maudra Fara e ela ficar do lado dos Skeksis, minha família vai correr perigo. Se a Maudra-Mor não me ajudar, ao menos saberei que fiz tudo o que podia.

Naia socou uma porção de terra a seu lado.

— Nem todos estão contra você! Estamos aqui. E vamos com você. Por mais que queira ir sozinho. Já vi o Coração de Thra encantado e o que aconteceu com Tavra depois que a puseram diante do espelho de cristal.

— Naia tem razão — concordou Kylan. — Estamos juntos nisso.

Kylan sabia que Rian estava calculando as vantagens de levá-los consigo. Talvez preferisse Gurjin como seu companheiro de viagem, mas essa opção não existia mais.

Três Gelflings contando a mesma história eram melhores que um contando sozinho. Rian jogou o cabelo e bufou.

— Vocês vão me fazer perder tempo. Eu parto em dois dias...

— Vai ver sua mãe hoje à noite? — Naia o interrompeu.

As bochechas de Rian ficaram vermelhas. Ele cruzou os braços e resmungou:

— É claro que sim. Esse é o único motivo para eu estar aqui.

— Então pode aproveitar hoje à noite para nos contar os detalhes de sua partida. Até lá, vamos deixar você em paz com seus gloriosos problemas.

Naia guardou a adaga na bainha para enfatizar a declaração e seguiu pelo mesmo caminho por onde Mythra tinha ido. Ela não era do tipo que abrandava os sentimentos com palavras, e Rian não se comportava de um jeito muito acessível. Kylan se despediu dele com um aceno meio desconfortável e seguiu a amiga.

— Ele é encantador, não é? — falou Naia quando Kylan a alcançou.

— Tenho certeza de que viu coisas que o transformaram.

— Assim como nós. — Ela suspirou. — Pelo menos vamos ter alguém que conhece o caminho para Ha'rar. Tavra me mostrou o caminho em elo de sonhos, mas era uma rota direta. Acho que ela não esperava que isso tudo acontecesse. Agora temos que chegar lá sem ser encontrados pelos Skeksis.

Kylan concordou, embora invejasse Naia por ter recebido a lembrança por elo de sonhos. Tudo que ele tinha eram canções antigas que cantavam o caminho para a lendária capital Gelfling.

Pedra-na-Floresta emergia do bosque exuberante diante deles, uma formação elevada em forma de lua crescente composta por pedras de todos os tamanhos. Era como se um gigante tivesse empilhado vários topos de montanhas e deixado-os ali para se fundirem com o tempo. Aninhadas entre as pedras e árvores havia dezenas, senão centenas de cabanas Gelflings, todas ligadas por estreitos caminhos e escadas. Algumas cabanas eram de pedra, outras de madeira, entre os galhos e troncos das imensas árvores que cresciam nos espaços em meio às rochas.

Na base da formação montanhosa havia um lago transparente cuja superfície calma refletia o obelisco de pedra que era como uma sentinela no cume da colina. Era aquela peça central impressionante que dava nome ao vilarejo.

Eles pararam para descansar, embora a subida não tivesse sido especialmente difícil. Tiveram muitos dias difíceis no passado recente, por isso, qualquer chance de desfrutar da brisa era um presente, mesmo que fosse por pouco tempo. Kylan sentou-se na pedra ao lado da amiga e olhou para o povoado lá embaixo. Parecia muito tranquilo. Aquelas pessoas não sabiam o que estava acontecendo fora de seu território na Floresta Sombria. A inevitável revelação da

verdade seria difícil. O vento soprava na floresta, e o som das folhas balançando era como o de mil vozes cantando.

Naia apoiou o queixo nos punhos fechados.

— Obrigada, aliás. Por ter feito o elo de sonhos com Rian no meu lugar. Eu teria feito isso, se fosse preciso, mas...

Ela não concluiu a frase, e Kylan sentiu um arrepio, apesar de o vento não ser frio. As lembranças-sonho de Rian eram suficientes para deixá-lo gelado. Era compreensível que o soldado fosse tão arisco, depois de tudo que tinha passado. Kylan pensou em contar para Naia a história que Rian compartilhara, mas decidiu que, por ora, era melhor não falar nada. Ela já tinha preocupações demais, e teriam tempo para falar sobre tudo isso durante a viagem que se aproximava. Por enquanto, queria que ela descansasse.

— Não foi nada — respondeu. — É para isso que servem os amigos.

— Sabe, Kylan... você se ofereceu para continuar sem mim, para eu poder voltar a Sog e ver minha família. Que tipo de amiga eu seria se não retribuísse a oferta? Você pode ficar em Pedra-na-Floresta. No lendário lar de Jarra-Jen. Não foi para isso que saiu de Sami Matagal?

Sim, tinha sido por isso, mas a ideia agora parecia boba. Kylan falhara em todos os aspectos de ser um Spriton, exceto nos estudos sobre gravação de sonhos com a Maudra Mera. Achava que fugir poderia servir para encontrar um propósito em Pedra-na-Floresta... mas, agora que estava ali, não sentia nenhuma mudança. Jarra-Jen vivera havia

centenas de trines, talvez antes mesmo de os Skeksis terem assumido o controle do Coração de Thra. Kylan se perguntava até se Jarra-Jen teria sabido como agir, caso descobrisse o que os Skeksis tinham feito com a terra de Thra e seus Gelflings.

— Quando conheci você, lá em Sami Matagal, eu não tinha nada além daquelas histórias para contar — falou Kylan, pondo-se de pé. — A sabedoria delas poderia ter nos ajudado no passado, mas agora temos nossos próprios vilões para derrotar. O Caçador... skekMal. Ele ainda está por aí, e conhece nosso rosto. Todos eles conhecem, e virão atrás de nós. Seria irresponsável me esconder em contos de fada agora, e é claro que não vou deixar você lutar sozinha contra eles.

— Eu não estaria sozinha — lembrou Naia. — Estaria com Rian!

Kylan olhou para ela e viu o sorriso, e os dois riram baixinho da ideia. Naia seguiu a direção do olhar do amigo, viu o marco central sobre o povoado e perguntou:

— Quer ir dar uma olhada?

Kylan queria mais que tudo, mas esse era um luxo que não podia se permitir. A pedra sobre a elevação era o lugar onde as histórias de Jarra-Jen e muitas outras estavam inscritas.

— Não sei... temos preocupações mais importantes. Assim que resolvermos essa questão com os Skeksis, e assim

que a Maudra-Mor assumir o comando, eu volto e faço toda exploração e leitura que quiser.

— Venha, vamos dar uma olhada. Temos o resto do dia livre.

Naia ficou em pé e se espreguiçou, quase desalojando Neech, depois pendurou o saco de viagem no ombro. A bolsa pertencera ao pai dela, para ser usada em contato com as costas como uma mochila, mas desde que suas asas se desenvolveram, ela passara a carregá-la pendurada no ombro. Era uma bolsa masculina, e logo teria que ser trocada por algo que acomodasse suas novas asas, principalmente se quisessem ir a qualquer lugar além de Pedra-na-Floresta.

— Só porque estamos sendo caçados pelos Skeksis e o mundo está desmoronando não significa que você não pode fazer algo legal para si mesmo.

Era um comentário irônico, mas ela sorriu, e Kylan soube que sua intenção era boa. A pedra sobre a elevação o atraía e, quando olhou para lá, ele quase conseguiu ouvir os sussurros das canções que estavam gravadas nela. Assim, com toda a cautela, ele encontrou uma trilha ascendente em meio à floresta e começou a andar, seguido de perto por Naia.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A canção do Cristal Encantado" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).